



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de História

Licenciatura em História

Regime: Laboral

Trabalho Final do Curso

Música e insurgência militar: o caso da guerra civil em Moçambique, 1976-1992

Discente: Roda Valentino Chinhama

Docentes: Supervisão Prof. Doutor. Marlino
Mubai

Doutor. Paulo Lopes José;

Mestre. José Claudio Mandlate e

Maputo, Julho de 2024

Música e Insurgência Militar: O caso da guerra civil em Moçambique 1976-1992

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em **História**.

Roda Valentino Chinhama

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIENCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DISCIPLINA: TRABALHO DE FIM DO CURSO

DOCENTES

(Doutor Paulo Lopes José)

(Mestre José Cláudio Mandlate)

Maputo, Julho de 2024

DECLARAÇÃO

Declaro, por minha honra, que a presente monografia para obtenção do grau de Licenciatura em História, nunca foi apresentada na sua essência para obtenção de qualquer grau acadêmico. E, por esta constituir o resultado da minha pesquisa pessoal, nela estão indicadas as fontes e as referências bibliográficas por mim consultadas e citadas.

EPÍGRAFE

“Seja a sua maior força ”

Roda Valentino Chinhama, adaptado

SUMÁRIO

Dedicatória.....	I
Agradecimentos	II
Resumo	IV
Cronologia	VI
1. Introdução.....	1
1.1. Objectivos.....	3
Objectivo Geral	3
Objectivos Específicos.....	3
1.2. Problemática	3
1.3. Pergunta De Partida	3
1.4. Argumento.....	3
1.5. Conceitos	4
1.6. Revisão De Literatura	6
1.7. Metodologia.....	12
2. Guerra Civil E Criação De Zonas De Admistracao Exclusiva Da Renamo.....	13
2.1. Criação De Zonas De Administração Exclusiva Da Renamo	14
3. Música E Cultura: O Canto, Música E Dança Como As Principais Expressões Culturais Em Vigor Nas Bases E Zonas De Influência Da Renamo 1976-1992.....	16
3.1. Ambiente Cultural Nas Bases E Nas Zonas Sob A Influência Da Renamo Durante 1981-1992	23
3.2. O Papel Da Estação Radiofónica Da Renamo: África Livre Na Mobilização Militar E Difusão Política Da Renemo 1976-1992	25
4. Conclusão	28
Referências Bibliográficas.....	30
Artigos Científicos E Revistas	30
Livros 31	
Artigos De Jornais	32
Resenha.....	33
Dissertações E Monografias.....	33
Teses 33	
Relatório Governamental.....	34
Entrevistas.....	35
Anexos.....	36

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente aos meus avôs Roda Chirassicua Chinhama e Alberto Chinhama, ao Prof. Doutor Marlino Mubai e a Juliana Chinhama.

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos não servem apenas para cumprir uma regra protocolar, mas resultam da minha vontade genuína de agradecer as pessoas que me apoiaram ao longo desde percurso, e são muitas!

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo Dom da vida e por ter guiado o meu caminho durante a minha jornada académica.

Em Segundo lugar, agradeço aos meus avôs Roda e Alberto, que desde criança investiram na minha educação e acreditaram em mim e no meu potencial, endereço lhes o meu sincero Kanimabo, pois, deles busco a minha força e motivação.

Em terceiro lugar, como não podia deixar de ser, agradeço o Prof. Doutor Marlino Mubai, meu orientador, que me sugeriu o tema desta monografia. Pelo acompanhamento e incentivo nas diversas etapas deste trabalho, o meu muito obrigada.

Em quarto lugar, endereço o meu profundo agradecimento aos meus pais, Anabela e Valentino, pelo suporte que sempre me deram e pelas aulas de sapiência.

Endereço o meu profundo agradecimento, aos meus tios, Juliana, Helena e Francisco pela força que sempre me dedicaram durante os meus estudos e sobretudo pelo amor incondicional.

Dirijo também uma palavra de apreço, aos meus avós Maternos Alice e Marcos, pelo amor e pelo carinho que eles têm por mim e pelos sábios conselhos.

Agradeço a minha melhor amiga, Esperança pelo suporte que sempre me deu ao longo da minha vida académica e por sempre me ensinar a me tornar uma pessoa melhor.

Estou também profundamente agradecida, aos meus docentes do departamento de História, aos Doutores Paulo Lopes e Claudio Mandlate pelo suporte e as orientações durante a elaboração do Trabalho. Endereço os agradecimentos a Prof. Doutora. Benigna Zimba, ao Dr. Aderito, Dr. Célio Ouana, Dr. Napoleão Gaspar, Dr Sambo, Dr Machele e a Doutora Denise Malauene por cada aula e pelos ensinamentos.

A minha gratidão direciona-se também aos meus amigos, Rachide Saide, Regina, Venaldo, Américo Nhadza, Yury, Solene, Emilia, Osvaldo e Jeremias, a eles o meu profundo Kanimambo!

Agradeço aos meus colegas, Idelvilton, José Massingue e outros que estiveram comigo durante a minha jornada académica.

Por fim, endereço o meu agradecimento a todos aqueles cujo o não foram mencionados, mas que contribuíram directa e indirectamente para que eu chegasse aqui.

A todos muito obrigado!

RESUMO

Na história da luta de libertação da África Austral do jugo colonial, a música desempenhou um papel importante na mobilização dos combatentes, divulgação da ideologia política e consolação dos enlutados. Com efeito, um número considerável de estudiosos tem se concentrado no estudo do papel da música na resistência contra a exploração colonial e, particularmente, no contributo da música na luta de libertação. Para o caso de Moçambique, existe um rico repertório musical que revela uma história teleológica de resistência que culminou com a fundação da FRELIMO, a frente militar que travou a luta armada de libertação de Moçambique. Este trabalho de culminação de estudos analisa a história da guerra dos desaseis anos em Moçambique para além das narrativas de culpabilização e diabolização do outro. Através de uma abordagem virada à intensa actividade cultural nas bases e zonas de influência da RENAMO, a pesquisa reexamina a construção da imagem da RENAMO a partir da música, do canto e da dança. O trabalho argumenta que a música e o canto desempenharam um papel importante na mobilização política e militar da RENAMO. Através da música e canção, a RENAMO contrapôs a propaganda musical do governo, a qual retratava a RENAMO como um bando de malfeitores. Através de pesquisa de arquivo e entrevistas orais com antigos guerrilheiros da RENAMO e outras pessoas que viveram nas áreas sob influência da RENAMO, a pesquisa traz à luz as letras das canções entoadas em eventos sociais realizados naquelas áreas. Analisa o conteúdo e o ritmo destas canções como símbolos de rebeldia, ideologia política e consolação. Conclui que, à semelhança da mobilização governamental de músicos contra a insurgência da RENAMO, este movimento rebelde também recorreu à música para fazer avançar a sua agenda política e militar. No processo, contribuiu para a divulgação de determinados géneros musicais e expressões culturais que passaram a estar associados às áreas sob sua influência política e militar, contribuindo desta forma no saneamento da imagem barbárica contruída nos meandros do governo.

Palavras-chaves: Moçambique, música, RENAMO, insurgência, política.

Siglas e abreviaturas

DF_ Destacamento Feminino.

FRELIMO_ Frente de Libertação de Moçambique.

MNR_ Mozambique National Resistance ou Resistencia Nacional de Moçambique.

PRM_ Partido Revolucionário de Moçambique.

RENAMO_ Resistência Nacional de Moçambique.

Cronologia

Ano	Acontecimentos
1976	Início da guerra dos 16 anos em Moçambique
1977	3º Congresso da FRELIMO e transformação deste movimento em partido Marxista-Leninista
1978	Intensificação da instabilidade política e militar em Moçambique, a direção política da FRELIMO emite um comunicado com um conteúdo violento
1979	Morte de André Matsangaissa e ascensão de Afonso Dhlakama como presidente da RENAMO
1980	África do Sul fornece alguns contingentes militares, treino e apoio de comunicação aos rebeldes democráticos
1982	O Presidente Samora Machel numa memorável frase de desdém caracterizou a relação entre o regime Sul-Africano e os seus agentes da RENAMO como sendo análoga existente entre o dono do relógio e seu macaco (National Forum Committe)
1984	Assinatura do acordo de Nkomati entre o Governo de Moçambique e o governo Sul Africano
1985	A RENAMO estabelece ‘zonas libertadas,’ com estrutura chamada bases políticas
1986	Morte de Samora Machel em Mbuzine, África do Sul e ascensão de Joaquim Chissano à Presidência da República
1987	As forças da RENAMO atacam a Vila de Homoíne, em Inhambane massacrando mais de 400 civis
1988	A imprensa britânica ataca a RENAMO, sublinhando que se tratava de um movimento mal organizado sem ideias e profundamente dividido.
1989	1ª Conferência da RENAMO
1990	A aprovação da 2ª Constituição e transição de Republica popular de Moçambique para República de Moçambique
1992	Assinatura dos Acordos Gerais de paz em Roma pelo Presidente Joaquim Chissano e Afonso Dhlakama, líder da RENAMO

1. INTRODUÇÃO

As lutas de resistência à ocupação colonial, de libertação nacional e contra a segregação racial na África Austral se destacam pelo uso de cânticos e músicas como instrumentos de mobilização política e preparação militar de guerrilheiros. Com efeito, um número considerável de estudiosos tem se concentrado na análise do papel da música na resistência contra a exploração colonial e pela libertação nacional (Moraes, 2000; Sara Morai, 2022; Bruno Oliveira et al, 2015; Evelyn Nascimento, 2018; Micas Silambo, 2020; José Moraes). Nestes estudos se destaca o papel da música na mobilização, entretenimento, informação e expressão de sentimentos e acção política (Manhiça et al, 2018:23). O uso da música como instrumento de luta se enquadra na realidade cultural dos africanos, onde todas as experiências sociais são acompanhadas pela canção. Para os africanos, a música constitui um veículo fundamental de expressão de valores culturais, de comunicação de sentimentos e das emoções. Também tem se mostrado um veículo eficaz de transmissão de saberes culturais e valores indeníveis (Chumane, 2021:367).

Para situações de guerra, através da música, narram-se histórias de conquista, resistência e unidade cultural (Chumane, 2021:369). Assim, as músicas constituem espaço de discursos nos quais os praticantes manifestam as suas vontades políticas, culturais, económicas e sociais. Pela música, se expressa a vontade comum de pessoas (Chumane, 2021:370). Com efeito, um olhar ao repertório musical moçambicano revela uma riqueza em canções que apresentam uma história teleológica de resistência que culminou com a fundação da FRELIMO. Nesta abordagem, a música desempenha um papel importante na afirmação dos desígnios da FRELIMO (Fonseca e Costa, 1981:21), a frente militar que travou a luta armada em 1975 e se transformou em Partido Marxista-Leninista em 1977 (Coelho, J. 2015:21).

Dada a importância da música nos processos históricos moçambicanos, urge socorrer-se da música para revisitar a história da guerra dos dezesseis anos. Este estudo se enquadra nas novas tendências da historiografia da guerra dos 16 anos em Moçambique. Como Meneses, (2020:1) observa, a historiografia da guerra dos 16 anos em Moçambique vive uma profunda reviravolta, passando de narrativas de uma guerra por procuração e violência contra civis à consideração de vários factores, entre internos e externos. Nas narrativas de guerra por procuração, as tropas do governo são muitas vezes apresentadas como populares, com recursos abundantes, disciplina e respeito pelos civis. Por outro lado, os guerrilheiros da RENAMO são apresentados como um bando de terroristas sem base social (Mubai,

2020:138). Nesta vertente, a própria razão da guerra está intimamente ligada ao discurso oficial sobre os rebeldes da RENAMO habitualmente considerados como agentes diabólicos do neocolonialismo (Meneses, 2020:1). Estas narrativas se afirmaram na propaganda militar através dos meios de comunicação social e propaganda que, de forma repetida, apresentavam a RENAMO como marionete dos agressores externos de regimes minoritários da Rodésia do Sul e da África do Sul composta por indivíduos sujos, bárbaros, malfeitores e selvagens (Mubai, 2015:57). Entre os nomes pejorativos usados para descrever os guerrilheiros da RENAMO, constavam “matsangas, bandidos armados, madjibas, chimuendje”, entre outros (Fernando, 2020:3). Este tipo de propaganda dominou a imagem da RENAMO junto à população moçambicana e à comunidade internacional, limitando desta forma a compreensão da dinâmica cultural que surgia na zona de guerra.

Partindo do pressuposto de que a imagem da RENAMO foi fortemente dominada pelo seu carácter violento, a presente pesquisa analisa a forma como os insurgentes da RENAMO usaram a música, tanto tocada na sua estação de rádio clandestina, mas censurada para o público em geral, assim como as canções entoadas nos campos militares para prosseguir com a sua agenda política. Esta abordagem considera que a música e a canção desempenharam um papel importante na mobilização política e militar da RENAMO. Através da música, a RENAMO contrariava a propaganda governamental de guerra que a retratava como malfeitora. Através da música, a RENAMO criou espaço de entretenimento, diversão, laser, amor e socialização em zona de guerra.

1.1. Objectivos

Objectivo Geral

- Analisar a história da guerra dos dezasseis anos a partir da música, do canto e dança.

Objectivos específicos

- Identificar as principais expressões culturais em vigor nas bases e zonas de influência da RENAMO de 1976-1992;
- Descrever o ambiente cultural nas bases e zonas de influência da RENAMO durante a guerra dos dezasseis anos;
- Discutir o contributo das actividades culturais nas bases militares na reabilitação da imagem da Renamo.

1.2. Problemática

A história da guerra dos dezasseis anos é dominada por estudos de causalidade que tendem a destacar a troca de acusações sobre a violação dos direitos humanos por parte dos beligerantes. Nestas narrativas de culpabilização, a RENAMO é apresentada como um grupo de bandidos armados sem agenda política para o país (Mubai, 2020:138). Entretanto, relatos de pessoas que viveram nas áreas sob influência da RENAMO e dos antigos guerrilheiros daquele movimento apresentam um quadro completamente diferente no qual, dentro do caos, os guerrilheiros e a população encontravam espaço para socialização através da música, do canto e da dança. Esta realidade abre espaço para a reativação do debate em torno da base social da RENAMO e da sua agenda política durante a guerra dos dezasseis anos.

1.3. Pergunta de partida

Até que ponto a música, o canto e a dança constituem uma fonte histórica alternativa para a compreensão da RENAMO para além das narrativas de culpabilização?

1.4. Argumento

A história de Moçambique é marcada por longos ciclos de guerra e, tal como acontece em qualquer parte do mundo, a guerra resulta na morte e destruição. Em Moçambique, a guerra dos 16 anos foi marcada por acusações de cometimento de atrocidades e diabolização do inimigo. Nestas narrativas de culpabilização, a RENAMO é apresentada como a principal

responsável pelos actos macabros cometidos ao longo da guerra. Sem querer ressuscitar este debate, este trabalho procura estudar a história da guerra dos desaseis anos para além das narrativas de culpabilização através de uma abordagem virada à intensa actividade cultural nas bases e zonas de influência da RENAMO. Em síntese, o trabalho argumenta que, a gravidade da violência contra civis e destruição de bens públicos e privados durante a guerra, ofusca a dimensão humana dos guerrilheiros da RENAMO. O trabalho prossegue argumentando que, por detrás das atrocidades cometidas ao longo da guerra, havia espaço para diversão, lazer, amor e construção de famílias. Nestes tempos caóticos, há quem encontrou na música, canto e dança um meio de expressão de agenda política e projecção de um futuro melhor.

1.5. Conceitos

Apartheid – é um sistema político baseado na exclusão da maioria negra da população sul-africana. A noção do apartheid se originou por volta de 1930, entre os intelectuais afrikaners que queriam uma separação completa entre as raças, e fundaram o *Suid-Afrikaanse Bond vir Rassestudie* (Liga sul africana para estudos raciais) em 1935 Passos, (2004:18).

Bandidos –significa pessoa que anda fugida à perseguição da justiça, vivendo de roubo e de prática de outros actos socialmente condenáveis, geralmente em conjunto com outras pessoas que utilizam as mesmas práticas (Ferreira, 2016:14).

Bandidos armados – designação atribuída ao movimento guerrilheiro da RENAMO que travou uma guerra contra o Governo da FRELIMO e o seu projecto socialista de governação. Esta guerra causou numerosas vítimas humanas e que destruiu muitas infra-estruturas, teve início pouco depois da independência nacional (1975) e durou até à assinatura dos acordos de Paz de Roma em 1992 (Lopes, et al, 2002:30).

Canção – é a junção de letra e melodia. A canção é composta por elementos compositivos e performáticos. Letra, música e arranjo fazem parte dos elementos compositivos enquanto aspectos performáticos incluem as interpretações vocais e instrumentais (Candido e Pedrosa, 2018:62).

Canto – expressar-se vocalmente por meio de frases melodias, entoar (Balduino e Vasconcelos, 2008:12).

Centri-Mão-designado como campo de concentração pelos guerrilheiros da RENAMO (Canhen,2022).

Chimuendje- Nos sete primeiro anos a RENAMO foi essencialmente conhecida como um instrumento desestabilizador de Moçambique, e seus membros recebiam acrónimos de **matsanga, bandidos, chimuendje**, nomes que fomentavam o discurso de que a RENAMO era formada por estrangeiros e usava os moçambicanos para devastar a economia e desenvolvimento humano do próprio país (Fernando, 2020:2).

Insurgência- o conceito de insurgência ficou reduzido na sua expressão política. No sentido etimológico insurgência refere-se a acção que se ergue contra algo, sendo utilizados para ilustrar movimento que através de força armada pretendem depor uma ordem existente (Nolasco, 2019:1).

Madjibas- era denominado o indivíduo que fornecia informações à RENAMO no período do conflito entre o movimento armado e o exército moçambicano (Lopes, et al, 2002:30).

Música – é um arrançamento ordenado de sons e silêncios cujo sentido é presentativo ao invés de denotativo. Música é a realização da possibilidade de qualquer som apresentar a algum ser humano um sentido (Cilfton,1983:1).

Parada- designado como campo de concentração pelos guerrilheiros da RENAMO (Canhenga, 2022).

1.6. Revisão de literatura

A guerra dos 16 anos tem atraído investigadores de várias disciplinas entre eles historiadores, cientistas políticos, economistas, antropólogos, demógrafos, só para citar alguns exemplos, Estes estudiosos olham para a guerra em várias perspectivas. Das várias abordagens feitas, a presente pesquisa se concentra em duas, nomeadamente as narrativas de “culpabilização e diabolização” e narrativas revisionistas. Nas narrativas de culpabilização, a RENAMO é responsabilizada pelos estragos provocados durante a guerra civil em Moçambique. A segunda abordagem apresenta um quadro mais complexo das origens e condução da guerra. Partindo destas abordagens, a presente pesquisa se junta às abordagens mais recentes que olham para a guerra para além da causalidade e culpabilização.

Sobre as narrativas de culpabilização, destaca-se o estudo de Roesch (1992), em seu artigo sobre A RENAMO e o campesinato no Sul de Moçambique, particularmente na província de Gaza. Neste trabalho, Roesch examina as bases sociais e a organização da insurreição que devastou Moçambique. Conclui que a RENAMO como um movimento insurrecto antigovernamental esteve assente na violência contra a população civil. Michel Cahen (2020) traz elementos que mostram a divergência de opiniões em relação às origens da RENAMO. Aponta que este movimento foi, em alguns momentos considerado agente do Apartheid, organização política Moçambicana. Nestas abordagens a guerra assume vários nomes, entre eles guerra imperialista” contra Estados socialista; “guerra de sabotagem”; acção de “bandidos armados” contra o povo e, mais tarde, “guerra pela democracia. (Cahen, 2020:437). Esta abordagem já havia sido amplamente explorada por Minter, (1998) na sua obra “Os contras do apartheid: as raízes da guerra em Angola e Moçambique. ”.

A imagem de uma RENAMO sanguinária ganhou mais notoriedade após o massacre de Homoíne no qual mais de 400 civis foram barbaramente assassinadas. Relatos de sobreviventes indicam que as vítimas incluíam mulheres grávidas, crianças, e outros pacientes do hospital da Vila. Alguns foram atingidos por tiros de armas automáticas, outros mortos a catanada. O incidente de Homoíne, em conjunto com o impacto cumulativo dos relatos de jornais, trabalhos humanitários e diplomáticos, sublinhou uma imagem internacional da RENAMO como um movimento brutal e implacável (Minter, 1998:3).

O relatório de Robert Gersony (1988) recapitulou o corpo complexo de informações, que foi colectado de refugiados e outros relatos sobre a guerra civil em Moçambique. Com base em

relatos de refugiados Gersony identifica três tipos de áreas de operações da RENAMO que complicam a descrição do movimento, nomeadamente, as áreas fiscais, áreas de controle e áreas de destruição. As áreas de destruição, incluíam “aldeais” de famílias e eram alvos de ataques dos guerrilheiros. Em algumas aldeias, o tiroteio foi direcionado para casas de população civil e habitantes que tentavam fugir (Gersony, 1988:30).

Ainda na perspectiva evolucionar da RENAMO enquanto movimento de guerrilha, Fernando (2020:1) argumenta, que para compreender melhor a evolução histórica e política da RENAMO é fundamental enquadrar-la cronologicamente. Explica que nos primeiros sete anos a resistência foi essencialmente conhecida como um movimento desestabilizador de Moçambique, e seus membros como bandidos armados. Nessa altura, tanto em Maputo assim como em outras cidades, os integrantes do movimento recebiam acrônimos de “matsanga, bandidos, mudjibas, chimuenje”. Nomes que formavam o discurso de que a RENAMO era formada por estrangeiros (Fernando, 2020:3).

Machava (2011) explora o discurso do Estado sobre as ameaças à segurança interna e a forma como o Partido- Estado moçambicano, procurou combatê-las na década após a independência. Argumenta que a FRELIMO não reconheceu a RENAMO como um movimento político nem um órgão autónomo, durante grande parte da guerra, os rebeldes não tinham história nem rosto, eram “bandidos armados”. Nenhum dialogo podia ser feito com bandidos, com os membros de ‘organizações de marionetes’. Para cumprir os seus objetivos, o Partido-Estado aprovou em 1979 a lei 2\79 de 1º março, a Lei dos Crimes contra a Segurança do Povo e do Estado Popular que incluía pena de morte e fuzilamento aos bandidos armados (Machava, 2011:604).

Para Temudo (2005), a RENAMO iniciou a guerra com o apoio do governo racista da Rodésia do Sul e, após 1980, da África do Sul. A interferência externa explica as origens e o domínio militar da RENAMO, mas não é suficiente para compreender como foi possível manter todo o país por tanto tempo em estado de guerra. A RENAMO era acima de tudo uma organização militar que não possuía uma ideologia claramente definida, a sua propaganda estruturava-se em torno de uma oposição explícita às políticas da FRELIMO, centrando-se nas defesas das tradições e das autoridades tradicionais. A princípio, a RENAMO actuava como uma guerrilha mercenária, e foi engrossando o seu exército através de recrutamento forçado. Os bandidos desarmados, como as forças do governo lhes chamavam, eram jovens recrutados pela RENAMO para a constituição de contingentes de reserva e que lutavam com

armas não convencionais, como facas e catanas. No princípio da guerra esses grupos espalhavam terror com actos de violências perpetrados inclusive contra antigos vizinhos, a RENAMO também recorreu ao rapto de crianças com maior amplitude (Temudo, 2005: 35)

O trabalho de Darch (2018:1), sobre o conflito moçambicano e o processo de paz numa perspectiva histórica refere que a RENAMO foi consistentemente e invariavelmente referido como apenas “bandidos armados”. Adianta que RENAMO tinha sido criada e apoiada pelos serviços secretos rodesianos como MNR ou (Mozambique National Resistance). E foi constituída oportunisticamente a partir de vários dissidentes e outros que não tinham razão para gostar da política socialista da FRELIMO (Darch, 2018:15).

Ainda sobre as origens da RENAMO e o seu carácter violento, Fernando, (2021:194) defende que a RENAMO era conhecida como um movimento de resistência armada de desestabilização de Moçambique pós-independente, sem projecto político concreto, operava a mando dos países vizinhos descontentes pela independência de Moçambique concretamente o regime de apartheid da Rodésia do Sul de Ian Smith e África do Sul.

Em síntese, as narrativas de culpabilização associam as origens externas da RENAMO e sua relação com os regimes minoritários da então Rodésia do Sul e do Apartheid na África do Sul para sustentar que este movimento não dispunha de uma agenda política genuína e, por isso, recorreu à violência para extrair apoio popular e recrutar guerrilheiros. Tendo visto os contornos das narrativas de causalidade e culpabilização, é oportuno virar a atenção às narrativas revisionistas.

Sem afastar as raízes externas da RENAMO e o seu recurso à violência contra civis, abordagens recentes olham para o conflito numa forma ampla. Mubai, (2020) se concentra nos aspectos logísticos da condução da guerra para defender que o povo é quem carregou o fardo da guerra. Mubai observa ainda que uma análise despida do preconceito de causalidade e questões comportamentais dos guerrilheiros revela um quadro complexo onde nas zonas de guerra também havia espaço para se ter uma vida normal se apaixonar, ter relacionamentos amorosos e experimentar a intimidade.

Michel Cahen (2017) no seu trabalho intitulado “A RENAMO um assunto para historiadores e cientistas sociais”, argumenta que há aspectos que precisam ser aprofundados sobre a guerra civil em Moçambique como a questão da estrutura militar da RENAMO e o estudo das milícias da RENAMO nomeadamente os “mudjibas”. Cahen explica que “O que sabemos é

que não se tratava de bandidos armados ou de mercenários, mas de um exército de guerrilha disciplinada” (Cahen, 2017:10). Cahen prossegue sugerindo que se traga à luz uma história social das zonas da RENAMO durante a guerra civil que aborde questões de género e de religião. Conclui que deve-se parar com uma situação onde a pesquisa sobre a RENAMO fica mais ou menos tabú; deve se tornar um assunto objecto de discussão aberta, que seria muito importante para sarar as feridas, para estabelecer mais confiança entre os diferentes segmentos da sociedade moçambicana (Cahen, 2017:12).

Na senda de Michel Cahen, o livro de Mourier-Genoud, Cahen e Domingos, (2018:1) sobre as dinâmicas locais da guerra civil em Moçambique faz uma abordagem abrangente que vê o conflito como um fenómeno social total, como um evento que envolveu todos os elementos da sociedade e teve implicações em todas as facetas da vida em todas as regiões do país nas vertentes legal, económica, religiosa, estética, morfológica e assim por diante. Os autores trazem à tona todos os actores da guerra, não apenas o governo da FRELIMO e a guerrilha da RENAMO, bem como outros movimentos incluindo o Partido Revolucionário de Moçambique (PRM), milícias estatais, milícias populares e forças militares privadas. Lidam também com outros actores não militares, como igrejas, curandeiros e comerciantes. O livro mostra que vários tipos de milícias surgiram em Moçambique no final dos anos 1980 e 1990, numa dinâmica típica de muitos conflitos em que as preocupações privadas levam a população envolver-se não só nos actos locais de segurança, mas também na própria guerra. Mourier-Genoud, Cahen e Domingos, demonstraram que a sociedade não foi apenas uma vítima (passiva) do conflito, sociedade era diversificada e mais activa durante o conflito armado.

A abordagem de Mourier-Genoud, Cahen e Domingos (2018:1) alicerça-se em trabalhos anteriores como de (Schafer, 2001), uma das pioneiras em trazer mais detalhes da guerra através das memórias dos antigos guerrilheiros e outros participantes. No seu trabalho, Schafer apresenta as descrições dos ex-guerrilheiros sobre a sua participação na guerra, suas motivações e experiências. Argumenta que a maioria dos guerrilheiros em áreas de apoio à RENAMO não foram brutalizados, desumanizados e transformados em máquinas de matar violentas, como muitas vezes se acredita, mas foram submetidos a processos mais sutis de ressocialização em um ambiente de guerra civil. Reconhece que a coerção foi um elemento importante do processo de recrutamento da RENAMO, mas a violência espetacular destacada por outros relatos foi mínima, e a coerção foi complementada por técnicas persuasivas não violentas, incluindo a educação política. Schafer prossegue notando que nas fileiras da

guerrilha, os jovens encontraram oportunidades para abusar do seu poder recém –adquirido, mas houve pressões conflitantes que levaram a colaborar e até a se integrar as populações civis locais (Schafer, 2001:223).

A imagem de uma RENAMO com algum projecto político também é defendida por Huffman (1992) ao destacar que a guerra, resultou de um profundo ressentimento de muitos moçambicanos com as políticas da FRELIMO, como os reassentamentos e agricultura coletiva. Para Huffman, estas políticas criaram um terreno fértil para o crescimento das sementes da desestabilização rodesiana e sul-africana (Huffamn, 1992:26). Citando Geffray, Florêncio corrobora com Huffman afirmando que a RENAMO capitalizou a seu favor um conjunto de conflitos e tensões entre grupos sociais, e o Estado-Frelimo, atribuindo, a estes conflitos um carácter de uma dissidência violenta entre partes da população rural e o Estado (Florêncio, 2002: 335).

A guerra dos 16 anos é também descrita como uma guerra que paralisou Moçambique na totalidade. Entretanto, o trabalho de Igreja (2010) apresenta uma nova perspectiva que destaca que no meio da violência e da insegurança da guerra, as pessoas continuaram a trabalhar no campo, a casar-se e a divorciar-se e a exercer as suas actividades, seus negócios até certo ponto algum tipo de vida social sobreviveu (Igreja, 2010:55).

Por sua vez, Cardoso (2009, *apud* Geffray,1991), A RENAMO oferecia um espaço nos territórios geográficos que controlava, onde as pessoas podiam celebrar sem medo nem falsos artefactos, os acontecimentos importantes da sua vida social. Praticavam os preceitos ligados à herança, ao casamento ou outras obrigações domesticas, assim como cerimoniais de iniciação e cerimoniais fúnebres, condenadas pela FRELIMO que as considerava incorrectas.

Cline (1989:46) descreve que durante o seu passeio nas zonas sob a influência da RENAMO, foi possível ver algumas escolas, diversas clinicas e reuniões políticas civis realizadas em plena liberdade. Prossegue argumentado que a população era amiga, curiosa e sem medo. Descreve ainda que os soldados da RENAMO e todos participaram numa festa de tambores e dança, ninguém morreu de fome e nem se refugiou para mata. Cline cita, Dhlakama afirmando que a RENAMO não é de forma alguma o retrato daquilo que a pintam lá fora. A acusação de que a RENAMO foi fundada por Smith na Rodésia não passa de pura propaganda, segundo Dhlakama, a RENAMO é um movimento genuinamente popular. Nas suas fases preliminares a RENAMO teve alguma ajuda proveniente da Rodésia, mas continua ainda a ser moçambicana (Cline, 1989:64).

Darch (1989) explora as origens, natureza e consequências da violência do assassinato do MNR (Mozambique National Resistance). Argumenta que a RENAMO não se conforma com as características clássicas do senhor da guerra. Darch rejeita completamente a ideia de que a MNR possa ser considerado um caso de “banditismo social”, examina algumas análises existentes sobre os aspectos domésticos do fenómeno MNR, especialmente a questão da sua base social. Os camponeses veem os bandidos sociais como heróis, que corrigem erros ao desafiar os representantes de um estado opressor, são reformistas pois querem restaurar uma ordem social. A introdução do termo banditismo social (ou seja, não –MNR) serve para inverter a situação, ao confundir os resultados da guerra em Moçambique com as suas causas (Darch, 1989:44).

Cahen (2002) buscou compreender a natureza da RENAMO, entendeu tratar-se de um autêntico corpo social guerreiro que conseguiu tornar-se actor na profunda crise social moçambicana provocada pela agressiva política de modernização das elites europeizadas no poder. Cahen argumenta que a RENAMO não era um grupo de mercenários nem um partido político, era um corpo social guerreiro para o futuro auto-reproduzido pela guerra em curso. Portanto, a literatura aqui revista mostra que há uma tendência de estudar a RENAMO para além das narrativas convencionais de causalidade e destruição. Estudos recentes, apresentam a guerra como um fenómeno social complexo e é nesta perspectiva que este estudo procura contribuir através da análise do canto, música e dança em contexto de insurgência militar.

Freitas (2022) buscou compreender, a capacidade que a música tem de actuar nas mentes e nos corações das tropas tanto amigas quanto inimigas durante a guerra. Argumenta que a música e os toques eram não só utilizados como meio de comunicação e de ordem militar, como eram também um factor primordial de “acção psicológica” e de gente de diversão “elevando a moral das tropas ” tanto em tempos de guerra como também em época de paz. Prossegue afirmando que, as canções ou hinos de guerra têm sido, através dos séculos, um dos poderosos instrumentos para o desenvolvimento do campo da Doutrina Militar, chamando por uns de Motivação Militar e por outras forças morais de Guerra. Fazendo com que os combatentes encontrem resposta adequadas, na paz e na guerra. (Freitas, 2022:11)

Para Santa e Oliveira (2022) a música têm sido parte integrante nas actividades militares desde a antiguidade, seja na comunicação, no acompanhamento dos deslocamentos dos corpos de tropas, nos ataques e também nas victórias nos campos de batalha. Defendem que o utilitarismo da música no ambiente militar mostrou-se essencial em tanto em tempos de

guerra como em tempos de paz ao longo da história, pois a música permitiu desenvolver o espírito de corpo na tropa. Também se mostrou importante na tríade vida, combate e trabalho.

De acordo com (Pereira, 2008:22) a música foi inserida no cerimonial militar com três propósitos fundamentais: manter a cadência da marcha, encorajar o espírito dos homens que desfilam e entreter os espectadores que assistem as paradas. Argumenta que, à música ligada à vida militar começou pela agregação dos tambores e trombetas aos Corpos militares para ajudar a cadenciar a marcha das tropas e transmitir as ordens às mesmas e mais tarde surgiram agrupamentos de músicos com carácter não funcional, mas mais de entretenimento.

As canções militares ou hinos de guerra despertam o patriotismo e, com força invisível, impelem o militar ao cumprimento do seu dever. É por essa razão que os exércitos investem muito neste sector, particularmente ao dotarem suas unidades com bandas ou secções de músicas de diversos tipos, ou ainda bandas, para executar ou acompanhar canções quando cantadas. A canção militar sempre desempenhou um papel no comportamento militar, estimulando ou enaltecendo os soldados e acompanhando-os nos campos de batalhas (Bento, C.M. et al, 1990).

Por sua vez, Flores (2016) defende que, a música tem sido uma forma de comunicação e expressão cultural presente na sociedade desde os seus primórdios. A autora refere que o debate sobre a influência da música na sociedade remota Platão citando, a sua obra *A República*, argumenta que o poder da influência da música atinge não somente indivíduos, mas sociedades inteiras. Prossegue afirmando que, a música é criada, em cada cultura a partir do que as pessoas inseridas nela ouvem e aprendem, proporcionando meios de explorar a evolução das estruturas sociais humanas, funções de grupo e comportamento cultural de forma específica e directa (Flores, 2016:6).

1.7. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, este trabalho assenta no uso de fontes primárias e secundárias na medida em que procura compreender a evolução dos debates sobre a natureza da RENAMO ao longo do tempo. É um estudo com uma abordagem qualitativa baseada na revisão de literatura e recolha de depoimentos orais de pessoas que estiveram diretamente envolvidas no conflito. A opção pelo método qualitativo assenta na premissa de Pereira (2009) segundo a qual, a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão a partir de um grupo social, de uma organização. Este método permitiu compreender o significado que os acontecimentos

têm para as pessoas comuns, em situações particulares, enfatizando a importância da interação simbólica e da cultura para compreensão de todos.

As entrevistas foram objecto de análise de conteúdo de modo a apreender a complexidade de opinião sobre a matéria em análise. De modo a enquadrar o tema na discussão científica actualizada, o estudo se apoiou numa revisão de literatura sobre a guerra civil em Moçambique assim como sobre o papel da música em contexto de guerra. O trabalho teve como base entrevistas orais dos antigos guerrilheiros da RENAMO residentes na cidade de Maputo, efectuadas nos anos de 2022 e 2024, no âmbito de elaboração do trabalho investigação científica. Através de entrevistas, se captaram as letras das músicas e canções que animavam os guerreiros e a população nas bases e nas áreas de influência da guerrilha. Através das canções, das músicas e do ritmo captou-se rebeldia, ideologia política, consolação, confraternização e socialização em contexto de guerra.

2. GUERRA CIVIL E CRIAÇÃO DE ZONAS DE ADMISTRACAO EXCLUSIVA DA RENAMO

Segundo (Barritos Diaz, 2022:10) guerra civis são conflitos armados entre grupos organizados de um mesmo Estado, caracterizados por combates de alta intensidade que envolvem forças armadas regulares e grupos armados que as desafiam. O autor argumenta que no caso de Moçambique, a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO) antagonizou o regime da FRELIMO em uma guerra civil que durou entre 1976-1992, ano em que os acordos de Paz foram firmados. Para Gujamo (2016:89), as causas e a natureza do conflito continuam a ser objecto de diferentes explicações, a primeira corrente defende que, o conflito que Moçambique experimentou após a independência tinha origem externa tinha origem externa. Ou seja, tratava-se de guerra de agressão ou desestabilização levada a cabo pelos regimes minoritários brancos da região Austral de África, a Rodésia e a África do Sul. Igualmente o conflito resultava no contexto da Guerra Fria. Sem rejeitar a intervenção dos actores externos, a segunda corrente procura explicar a guerra civil em Moçambique, sublinhado os factores internos, nomeadamente, a marginalização das autoridades tradicionais locais e de determinados grupos étnicos e valores socioculturais. Esta corrente aponta o programa de aldeamento comunais e o combate do Estado independente contra o tribalismo, no âmbito das suas políticas de modernização, como factores que concorreram para ocorrência da guerra civil em Moçambique. Segundo com esta corrente, a FRELIMO comprometeu o poder das autoridades tradicionais ao eleger os membros da comunidade para

os tribunais e comités de aldeia ao criar as machambas colectivas e aldeias comunais. Paralelamente, as políticas de modernização autoritária imposta pela FRELIMO produziram uma ligação de marginalidade que se constituiu como base social da RENAMO (Gujamo, 2016:90).

2.1. Criação de zonas de administração exclusiva da RENAMO

Para (Mubai, 2015:73) as condições ambientais moldaram a condução da guerra de várias maneiras, elas ajudaram a determinar o estabelecimento de acampamentos militares, lançando ofensivas militares e mobilizar recursos-chaves para a guerra. Mubai, prossegue argumentado que, o ambiente do sul de Moçambique era propício à guerrilha da RENAMO. O ambiente da zona de guerra inclui não apenas o ambiente natural, mas também econômica, social, política e ambientais tecnológicos. A RENAMO instalou suas bases permanentes em florestas densas ricas em animais silvestre e frutas, enquanto usavam bases em terrenos abertos para facilitar a entrega de suprimentos militares. Em Chichocho a base da RENAMO estava localizada na floresta densa, ambientes econômicos sociais, políticos e tecnológicos, todos interligados com o ambiente natural foram factores-chaves para o prosseguimento da guerra bem como para a maneira como as pessoas comuns vivenciavam (Mubai, 2015: 76)

Ainda sobre o ambiente e a condução da guerra Mubai, (2015:78) o ambiente político da região foi caracterizado pela divisão entre a RENAMO e FRELIMO, devido a este ambiente político os primeiros alvos da RENAMO foram as estruturas de poder local da FRELIMO, incluído secretário de células partidárias, milícias e chefes de dez casa. Argumenta ainda que no que diz respeito, ao ambiente tecnológico um outro factor chave para guerra no sul Moçambique, o nível de desenvolvimento tecnológico e infraestrutural condicionou operações militares, influenciou o espaço e o tempo dos ataques militares.

Segundo (Adam, 2006:156) a localização das bases da RENAMO teve em consideração as condições geo-ecológicas. No estágio inicial da sua implementação na província de Manica, onde começou as suas operações, a RENAMO actuava de modo a reparar as injustiças cometidas pela FRELIMO em relação aos camponeses locais. A RENAMO, pagava por tudo o que recebia dos camponeses a preços altos, a RENAMO respeitava os mais velhos e não proibia os cultos religiosos locais. Entretanto, este período durou de lua- de mel entre RENAMO e a população durou apenas alguns meses e terminou logo que a RENAMO começou a usar a força para obrigar os camponeses a fazerem o que ela queria.

Em Changara acções da RENAMO ganharam novo impulso na segunda metade de 1981 os “Matsangaiças” em Changara vinham do distrito de Barué em Manica, habitado por falantes de línguas Shonas ou Ndau. Recebiam apoio aberto ou encoberto das aldeias afectadas negativamente pela colectivização. O autor afirma que, em 1983 os camponeses que viviam na aldeia de Gola /Coamba recusaram-se a participar nas aulas de alfabetização e resistiram a formação de cooperativas a RENAMO recebeu apoio por parte das aldeias descontentes. Prossegue argumentado que, as estratégias da RENAMO em Changara combinaram com acção militar que ganhou proeminência com tentativas de legitimar as suas acções apelando símbolos culturais enraizados na história de alguns grupos étnicos populacionais da zona, a RENAMO também tentou usar ao seu favor o capital de ressentimento existente entre falantes de línguas Shonas (Adam, 2006:238).

Nos distritos de ocupação de ocupação Ndau, como Mussurize, Machaze, Chibabava, Buzi e Muchanga, chegada da RENAMO foi muito rápida, pois as primeiras acções da RENAMO em Mussurize aconteceram em 1977. Em meados de 1980, a RENAMO já ocupava e administrava, grandes bolsas de território nestes distritos o que permitiu sedimentação do processo de aldeamento comunal, como obrigou a um rápido desenhar de fronteiras, entre as zonas controladas pelo Estado, e as controladas pela RENAMO, dominadas “zonas libertadas”. (Florêncio, 2002:358)

Vines (1991) descreve que na base da RENAMO em Mariri havia uma separação rígida entre soldados e civis. A RENAMO organizou a população cativa e voluntária fazendo uso dos seus próprios líderes tradicionais, as comunidades locais eram livres para viver sob seus próprios líderes, mas tinham que sofrer extração de recursos e o recrutamento forçado de auxiliares para impor a ordem. Eles foram agrupados a alguma distância em torno da base da RENAMO, proporcionando uma barreira civil à penetração de ataques do governo (Vines, 1991:616)

3. MÚSICA E CULTURA: O CANTO, MÚSICA E DANÇA COMO AS PRINCIPAIS EXPRESSÕES CULTURAIS EM VIGOR NAS BASES E ZONAS DE INFLUÊNCIA DA RENAMO 1976-1992

Esta secção se baseia em depoimentos de antigos guerrilheiros da RENAMO e pessoas que viveram nas áreas sob controle ou influência deste movimento no contexto da guerra dos 16 anos. A mesma procura compreender o papel do canto, da música e dança em ambiente da guerra. Parte do pressuposto de que a música tem um papel preponderante na sociedade, através da música as pessoas expressam seus sentimentos, suas vivências e experiências. Com efeito, o uso da música para pesquisa histórica é relevante, pois a produção artística tem grande vínculo com questões sócio-culturais, económicas e políticas. Neste contexto, a canção pode e serve de espelho das mudanças sociais, mas sobretudo nas sociabilidades e sensibilidades colectivas mais profundas (Mubai e Manhangele, 2022:72). Durante a guerra dos 16 anos, a RENAMO recorreu a música e a canção para expressar os seus objetivos de guerra contrariando a propaganda do governo que a retratava com malfeitora. Em suas próprias palavras Alberto Jaulino Canhenga da base de Sofala explica:

“ Os militares para ficarem alegres aos sábados, tiravam aparelhos e tocavam músicas, todos os militares saíam de suas cabanas para dançar. Uma das músicas mais tocadas eram as músicas de John Chibadura¹. Ele era o músico mais influente, não havia outro músico mais influente que Chibadura, e mesmo durante as viagens para efectuar ataques, tínhamos nossos aparelhos e tocávamos as músicas de John Chibadura, Rena Tembo, eram cantores influentes, que mais nos alegravam. ”

Prossegue afirmando que: haviam danças e músicas tradicionais que passavam na rádio como Khetekete, Varimba e Mutxochongoio eram danças tradicionais da base de Sofala. Nas manhãs quando tocavam apito todo homem devia estar na parada (centri-mão), ou seja, no campo de concentração, a primeira coisa era canções. Uma delas dizia:

*Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo
Dine ndokadzida ku fira povo... Kana dafa ni hondo
Há ma hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo
Dine ndokadzida Ku fira povo Kana dafa ni hondo 2X*

¹ Jonh Chibadura, foi um dos melhores artistas dos ritmos sungura e reggae no Zimbabwe.

Baba na wuya ni khandi 2X
Ti tambire Nwanago
*Baba na wuya na Khandi, ti tambire Nwanago*²

Cujo o significado é (papa eu trouxe uma bagagem e o pai responde, vamos te receber meu filho, traz meu filho, vou te receber). Segundo Alberto Canhenga, esta era uma das canções mais influentes na centri-mão (parada) que fazia as pessoas dançarem, davam moral aos militares especialmente, quando iam ao ataque essas canções motivavam os militares que acabavam tirando aparelhagem e dançavam em união, mexiam-se todos, afirma Canhenga.

Kure-Kure hama hina
Kure-Kure kwena Khava
Kure-Kure Nwanago Kwendi nohenda
*Kure-Kure Kwendi nohenda*³

Quanto ao ritmo dessas canções Canhenga diz que as músicas consolavam dando força para ir ao ataque à frente da linha de guerra, dava força para ir à guerra. Em suas próprias palavras, “existiam músicas que cantávamos até chorar, aquele momento era de preparação para ir à linha de fogo e dava-nos moral de ir à guerra. É por isso que as canções nos faziam lembrar das nossas famílias, em como seria se estivéssemos em casa. Estaria com a minha família, mas não havia como”.

No que tange ao lugar das mulheres nos eventos sociais Canhenga afirma que:

“As mulheres e os homens misturavam-se e dançavam principalmente Khandi (uma dança tradicional), cozinhavam e também iam a guerra”.

Por sua vez, Manogoro da base de Manica afirma que, “as canções eram revolucionárias e transmitiam sentimentos com objetivos de guerra, que expressavam que eles não eram “bandidos” como se acreditava, além de exprimirem valores de combate ao comunismo e o resgate dos valores do multipartidarismo.”⁴

Monogoro afirma que as canções eram várias e eram em Shona, e uma delas dizia

² Que significa: (Mãe e Papa não chorem por mim, eu é que escolhi estar aqui morrer pelo povo).

³ Que significa Que significa, (longe, longe da minha mãe, longe de quem eu conheci, onde eu saí é longe e onde eu vou é longe). Canhenga afirma que essas canções eram compostas por muitos deles

⁴ Entrevista com Comandante do comando reservista e antigo guerrilheiro da RENAMO, Maputo, 30, setembro de 2022

*Samora*⁵

*Tino kuziaya zyako zyanhanha
Atina wukama newe 2x!
Zyako zyanhanha*

Através deste depoimento é possível compreender as justificativas da guerra por parte da RENAMO. Neste caso, o combate ao regime comunista marxista, a falta de clareza na proclamação da independência e imposição de um projecto político excludente por parte da FRELIMO.

Como Monogoro explica, “eu acredito que ritmo das canções era de confraternização, se cantava para fazer passar a mensagem de que o que nos levava a estar no mato é a democracia, e cumprir um determinado sentimento. As canções transmitiam as mensagens que diziam os objetivos que os levaram a luta pela democracia”.

Ainda sobre o conteúdo das canções, Ndoa⁶ diz-nos que as canções eram de elogio ao trabalho das forças armadas da RENAMO e do seu líder. Eram compostas pelos Homens e pelas guerrilheiras do Destacamento Feminino (DF). Expressavam mensagens revolucionárias contra o regime da FRELIMO. Transmitindo mensagens de repúdio contra FRELIMO. O ritmo e a batida das canções, simbolizava consolação por causa do sofrimento que povo passava e o sofrimento dos combatentes na guerra e também simboliza socialização na medida em que ficavam todos juntos e na socialização dos mais novos e da população geral.

Ndoa afirma ainda que, as canções eram em línguas nacionais de repúdio ao regime da FRELIMO, as músicas eram várias, de todas línguas nacionais, incluindo português. E eram obtidas através de cassetes e da rádio. As mulheres cantavam e dançavam com os homens além de dançar elas também faziam política nos eventos sociais e curavam as pessoas, cuidavam das crianças órfãos de guerra.

⁵ Cujo o significado é (Samora nós conhecemos o teu comportamento e o seu regime insuportável, não temos familiaridade contigo).

Samora Moises Machel, foi um militar moçambicano, líder revolucionário de inspiração socialista, que liderou a guerra da independência de Moçambique e foi o primeiro presidente após a independência, de 1975 até à sua morte em 1986

⁶ Entrevista com Ndoa, antigo guerrilheiro da RENAMO, Maputo, 20, setembro de 2022

Por sua vez, Ricardo Felizberto⁷ da base de Manica, sublinha que os guerrilheiros cantavam as músicas para encorajar os militares, para não se ver como inimigos, ou seja, davam coragem. Felizberto partilhou a canção *Tiende Phamondje timima Umoze 3X* – (vamos juntos com o mesmo coração) em língua jua ou Malawi. Para Felizberto, as canções simbolizavam consolação na medida que todos estavam juntos, longe de suas famílias.⁸

Como outros guerrilheiros referiram, João Jorge⁹ da base de Manica, também revela que as canções eram cantadas em línguas diferentes, incluindo Xi-ndau. Jorge partilhou a seguinte canção:

Haphana Xinavuya djoka 2X
Na vuya haphana xinavuya djoka 2X
*Haphana 2X,*¹⁰

Eram canções compostas por militares, com mensagem de sofrimento, com ritmos que simbolizavam consolação porque a RENAMO pretendia que o povo ganhasse o seu direito. Jorge “acrescenta que os guerrilheiros sentiam dor e sofrimento a procura da paz. Para ele, a função das músicas era choro porque significava enterro, saber que seu filho foi na guerra salve-se quem puder”.

Por sua vez, Baltazar¹¹ da base de Manica, revela as canções eram compostas pelos moçambicanos, nas comunidades dançavam canções tradicionais.

As canções por ele partilhadas são:

Kokoliko (cantar do galo) - djonguè beleka
Nwana tende tchawuya-tchawuya

⁷ Entrevista com Felizberto (antigo guerrilheiro da RENAMO), Bairro do Jardim, 2022

⁸ Nota interessante nesta canção é que a mesma é herança da luta armada de libertação nacional. O entrevistado diz que a canção foi adaptada em língua Yao mas a sua versão é em língua Kiswahili. Isto revela alguma complementaridade entre a cultura de guerra da FRELIMO e da RENAMO.

⁹ Entrevista com Jorge (Guarda da residência do Presidente Issufo Momed) sommerschield, 2022

¹⁰ que significa (não há coisa que vem sozinho, não há coisa que vêm sem preocupação).

¹¹ Entrevista com Baltazar (antigo-guerrilheiro da RENAMO, funcionário da residência do Presidente Issufo Momed) Sommerschield, 2022

Beleka Nwana tiende tchawuya-tchawuya.2X¹²

*Samora tienda tione magariroo
Tigarikahoo tione magariroo
Tukatikwenda tione magariroo tigarikahoo tione magariroo
Comunistaskwenda tione magariroo
Tigarikahoo tione magariroo 2X¹³*

Contrariando a ideia de falta de ideologia política por parte da RENAMO, Baltazar, afirma que a canção também expressava repúdio à política marxista-leninista, para que a vida voltasse ao normal.

*Victória 2X vitó vitó2X Victória entre o povo moçambicano
Custará sangue e sofrimento
Samora tanto tempo nada conseguiu e veio o Mabote¹⁴ que chorou 2X, juntamente com Guebuza¹⁵ serão esmagados a força do povo sempre vencerá!
Samora tanto tempo nada conseguiu e veio o Mabote que chorou 2X, juntamente com Guebuza serão esmagados a força do povo sempre vencerá! Cantaremos 2X a vitória do povo sempre será o povo criado pela resistência liquidar o comunismo cantaremos 2X a vitória do povo criado pela resistência liquidar o comunismo (Repetição)*

Esta canção é reveladora no que tange a ideologia política da RENAMO. Nela, os guerrilheiros se apresentam como anti-comunistas e representantes da vontade do povo. É uma canção que se enquadra nas abordagens revisionistas das causas da guerra em Moçambique.

¹² Que diz, quando o galo canta já chegou a vez de carregar o seu bebê (sua arma), o primeiro tiro quer dizer o galo cantou Tchawuya-tchawuya –é um juramento, como quem diz venha o que vier nós estamos aqui, seja chuva ou sol

¹³ Contrariando a ideia de falta de ideologia política por parte da RENAMO, Baltazar, afirma que a canção também expressava repúdio à política marxista-leninista, para que a vida voltasse ao normal.

¹⁴ Sebastião Marcos Mabote, foi combatente da luta de libertação nacional, ingressou na FRELIMO em 1963, onde ocupou várias funções de relevo.

¹⁵ Armando Emílio Guebuza, foi presidente de Moçambique entre 2005-2015, juntou-se a FRELIMO em 1963 No governo de transição (1974-1975), Guebuza ocupou a pasta da administração interna e no primeiro governo de Moçambique independente a pasta do Ministro do interior.

Paulo Chiburre¹⁶ da base de Manica, defende que as canções eram revolucionárias focadas em momentos concretos, as mensagens transmitiam angústia. Chiburre acrescenta que “as músicas eram obtidas através de combates, haviam cassetes naquele período. Na região Centro escutava-se músicas Zimbabweanas particularmente John Chibadura por causa da fronteira, Oliver Mutukudzi¹⁷, Brenda Fassie¹⁸ e algumas nacionais, com muita frequência tudo era gravado. As músicas trouxeram impactos psicossocial, trouxeram o alento e contribuíram para determinação e foco, após escutar as músicas havia um sentimento de paz”.

Chiburre partilhou a seguinte canção:

Hina na line liga 2X – (quando é que vai terminar este processo de carregamento de logística e coisa da guerra).

Por sua vez, Assucena Alberto Niquice Joaquim¹⁹ afirma, nós tínhamos canções produtivas, de conselhos, eram músicas de divertimento para a gente não se sentir só. Tínhamos também músicas em que a gente estava a reivindicar sobre a guerra, para que a guerra pudesse terminar mais rápido possível para agente voltar para as nossas casas. Eram músicas boas e educativas, que nos davam força, tínhamos também músicas que cantávamos em meses especiais para os nossos heróis como André Matade Matsangaíssa.

Ainda sobre o conteúdo das canções prossegue afirmando que as músicas eram “educativas nos davam moral, mas também haviam canções em que estávamos a reivindicar sobre o regime comunista e as nossas canções, tinham boas mensagens, que tinham haver com a nossa realidade militar e a realidade da população”.

Assucena expressa que o conteúdo das canções tinha haver com a realidade vivida durante a guerra civil. “Era como um sentimento, porque cada música tinha o seu significado, e eram músicas que nos davam coragem, davam-nos força, e tínhamos músicas que tocávamos usando instrumentos, como o batoque e dançávamos”.

¹⁶ Entrevista com Paulo Chiburre (chefe do gabinete do secretário geral) sede da RENAMO, 2022

¹⁷ Oliver Mutukudzi, também conhecido por Tuku, foi um cantor e músico do Zimbabwe, um dos primeiros em seu país.

¹⁸ Brenda Nokuzola Fassie, foi uma cantora pop Sul Africana considerada uma voz para os negros marginalizados durante o apartheid, ela era carinhosamente conhecida como Rainha do pop Africano.

¹⁹ Entrevista com Assucena Alberto Niquice Joaquim (antiga-guerrilheira da RENAMO e DF), Sede da RENAMO, 23 de janeiro de 2024

Uma das canções partilhada por Assucena em língua Ndau²⁰

*Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo
Dine ndokadzida ku fira povo manuchetè niwawe 2X
Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo
Dine ndokadzida Ku fira povo manuchetè niwawe 2X²¹*

Assucena revela que a canção *Hama hina baba*, era a canção preferida do falecido Dhlakama, principalmente quando estivessem parada, dizia ela, *ele gostava muito*.

*Tisu tire Nwana wa RENAMO tino fanera
Kureremedza
Tisu tire Nwana wa RENAMO tino fanera
Kureremedza
Kureremedza we we we 3X
Tino fanera Kureremedza²²*

Essa canção significa (nós somos filhos da RENAMO tem que haver respeito, têm que nos respeitar).

A outra versão da canção partilhada para exaltar o falecido presidente da RENAMO Afonso Dhlakama é:

*Tisu tire Nwana wa Dhlakama tino fanera
Kureremedza
Tisu tire Nwana wa Dhalkama tino fanera
Kureremedza
Kureremedza we we we 3X
Tino fanera Kureremedza²³*

Assucena defende que as canções eram compostas pelos militares, pelos instrutores das bases e pelos maestros que ensinavam a cantar, o mesmo acontecia com a dança existiam pessoas que ensinavam a dançar.

²⁰ Nota interessante nesta canção que é a mesma que foi partilhada pelo Alberto Canhenga, porém apresentada numa versão diferente pela Assucena mas com o mesmo significado.

²¹ Que significa (minha mãe não chora, eu è que quis ir para o mato para defender o povo se eu não voltar è a guerra).

Assucena revela que a canção *Hama hina baba*, era a canção preferida do falecido Dhlakama, principalmente quando estivessem parada, dizia ela, *ele gostava muito*.

²² Cujoo o significado é (nós somos filhos da RENAMO tem que haver respeito, têm que nos respeitar).

²³ Nós somoo filho de Dhlakama tem que haver respeito, têm que nos respeitar

3.1. Ambiente cultural nas bases e nas zonas sob a influência da RENAMO durante 1981-1992

Neste subcapítulo, descrevemos o ambiente cultural nas bases e nas zonas de influência da RENAMO. Irá abordar sobre a complexa dinâmica cultural e social que surgia em zona de guerra.

Em suas próprias palavras Ndoa²⁴ da base de Manica descreve:

A partir de 1985-1992 a RENAMO já tinha criado zonas, cujo nessas zonas libertadas havia uma estrutura chamada bases políticas, onde se desenvolviam actividades culturais, recreativas de futebol entre civis e militares. Nas actividades culturais realizadas pelos militares de Destacamento Feminino (DF), elas usavam-se canções revolucionárias, danças tradicionais como Tufo, Makwaela e Marimba (feitas pelos homens) e também usaram as músicas de gravadores em suas posses, que eram músicas das praças, tocadas nas cidades. Os gravadores vinham de assaltos, quando atacávamos, roubávamos os gravadores e outros vinham de apoio dos nossos parceiros. As actividades culturais, eram realizadas no centro cultural das zonas libertadas.

Assucena²⁵ da base de Sofala, prossegue afirmando que: “Nas nossas bases as nossas principais danças culturais eram: o Mutxongoyo, Varimba e Makwaela. E as nossas canções, cantávamos sentados porque havia hora de descanso. Cantávamos porque haviam momentos em que íamos a escola, haviam escolas para quem queria estudar, davam aulas da 1ª Classe, 2ª Classe, 3ª Classe, haviam professores que davam aulas, tínhamos igrejas católicas e tínhamos uma igreja chamada Sabata onde rezávamos, havia pastores, haviam instrutores que ensinavam como se canta, como se toca batoque e como se dança, pois, nós tínhamos instrumentos, tínhamos violas e divertíamos-nos, a partir de Sexta, Sábado e no Domingo íamos a igreja”.

Ainda sobre o ambiente cultural Assucena diz-nos que: Aos sábados o divertimento era de dança, fazíamos competição de danças, tínhamos grupos de danças, essas danças tradicionais como Mutxongoyo, Varimba e Makwaela. E as músicas que dançávamos eram de Chibadura, principalmente essas até agora dançamos, aí a gente não esquece, podemos esquecer todas

²⁴ Entrevista com Ndoa, antigo guerrilheiro da RENAMO, Maputo 20 de setembro de 2022

²⁵ Entrevista com Assucena Alberto Niquice Joaquim (antiga-guerrilheira da RENAMO e DF), Sede da RENAMO, 23 de janeiro de 2024

músicas, mas de Chibadura he he he está a bater até hoje que era dança do Zimbabwe até hoje.

“Era uma coisa muito bonita, mas não era fácil a vida em si. Comíamos carne todos os dias, não tínhamos falta de comida, nunca tivemos falta de comida, de roupa, saiam pessoas daqui que vinham fornecer sabão, comida, sapato, tínhamos casas bonitas na base de sofala, éramos bem vestidos com sapatilhas”.

Por sua vez, Monogoro²⁶ esmiuçou que “os militares tinham várias actividades culturais dentro das bases, dependendo do seu ambiente, porque algumas bases estavam em combates. A vida cultural nas bases era de acordo com cada grupo étnico e faziam as suas actividades culturais com o Destacamento Feminino e com a população comemorando em datas festivas como finais de anos e feriados marcantes. As danças tradicionais eram feitas de acordo com as tradições da população”.

Para Alberto Jauline, no que tange à vida cultural na base de Sofala, defende que existiam danças tradicionais como Mutxongoyo, Varimba, Khetekhete e Makwaela que era a que servia, especialmente, para a recepção do presidente Afonso Dhlakama. A Makwaela era especialmente preparada pelas Mulheres do Destacamento Feminino (DF). As mulheres e os homens misturavam-se e dançavam. Uma das danças principais das mulheres era Khandi.

Para Felizberto a vida cultural nas bases era boa e viviam famílias e irmãos, ninguém era melhor que o outro, todos faziam o mesmo trabalho, tanto as mulheres assim como os homens.

Por sua vez, Manuel Chimanguiso²⁷ defende que se vivia tranquilamente e normalmente com moral para defender a democracia. Carregávamos material, dançávamos Makwaela, cultura tradicional em Macua e outras de acordo com a cultura da zona em que estávamos. Não podíamos estranhar as zonas que estávamos, devíamos coordenar com o povo das zonas de influência em que estávamos e devíamos se comunicar com as comunidades.

²⁶ Entrevista com Comandante do comando reservista e antigo guerrilheiro da RENAMO, Maputo, 30, setembro de 2022

²⁷ Entrevista com Manuel Simão Chimanguiso (antigo guerrilheiro da RENAMO), Bairro de Inhagoia B, setembro de 2022

Durante os depoimentos, pude constatar que os guerrilheiros da RENAMO se identificam bastante com as Músicas do artista Jonh Chibadura, precisamente nos ritmos sungura e reggae, do Zimbabwe. O artista em referência ganhou reconhecimento internacional anos 80 e Moçambique era como sua segunda casa. Os moçambicanos o acolhiam como filho, o que me levou a levantar a seguinte questão para Assucena: Por que razão se fala muito das músicas de Jonh Chibadura?

É porque lá falávamos muito Ndau; é por causa do Ndau. Tinha músicas do ritmo Kizomba, mas era mesmo uma questão de tradição. A partir de Inhambane, passando por Rio Save, Manica até Tete, as pessoas, mesmo as crianças, gostam dessas músicas de John Chibadura. Basta tocá-las, elas dançam. É de raiz.

3.2. O papel da estação radiofónica da RENAMO: África livre na mobilização militar e difusão política da RENAMO 1976-1992

Este subcapítulo, versa sobre a estação de rádio da RENAMO e analisa o tipo de músicas tocadas na estação de rádio clandestina e censurada para o público geral. Também procura analisar o papel desempenhado pela rádio na mobilização política e militar da RENAMO. Através da rádio, o movimento denunciava e repudiava as políticas machelistas da FRELIMO.

“... Em meados de fevereiro de 1976, uma voz estranha passou a ser escutada nos receptores radiofónicos moçambicanos. A princípio ninguém sabia quantos metros, ninguém fixara em que onda, era captada causalmente e a horas diferentes. A rádio falava de Moçambique, contava verdades sobre as políticas machelista, abria finalmente os olhos do povo para desgraça do seu viver. A emissão da rádio era curta, umas quantas afirmações, uma canção e o silêncio. A canção era <<Moçambique>> na voz João Maria Tudela²⁸. A rádio África Livre era uma iniciativa de dissidentes da FRELIMO, guerrilheiros, comandantes e até mesmo antigos membros influentes do partido à qual aderiram alguns redactores moçambicanos exilados na Rodésia e a maioria do povo moçambicano. Por outro lado, o partido FRELIMO, tudo fazia para silenciar o programa criando interferências no cumprimento de onda em que ele era rádio-difundido. E Samora Machel era a vítima principal das denúncias” (Guepatos, 2015)²⁹

²⁸ João Maria Tudela, foi um cantor, músico e artista português, desenvolveu uma intensa actividade como cantor.

²⁹ Disponível em: <https://ambicanos.blogspot.com/2015/05/a-radio-africa-livre.html?m=1>

De acordo com Tajú (1988: 9), em 1976, a “Central Intelligence Organization” (CIO) rodesiana criou a “VOZ DA ÁFRICA LIVRE”, uma emissora que passou ser popularmente chamada em Moçambique “Voz da Quizumba” que de Gwero em Zimbabwe. Em Julho começou a emitir os seus programas anti-Frelimo. O seu endereço era P.O.Box: HG 444, Salisbury o mesmo endereço da rádio oficial Rhodesia Broadcasting Corporatin, não tinha uma direcção autónoma.

A propaganda veiculada pela voz da África livre foi, no início, marcadamente colonialista e seu hino era a canção de João Maria de Tudela “Moçambique, Terra Portuguesa”, posicionamento que ia ao encontro dos “setembristas” radicados na África do Sul, Rodésia e Portugal, dos séquitos colonial-fascismo e dalguns elementos expulsos ou desertores da FRELIMO durante a Luta ou mais indivíduos que foram utilizados em acções anti-Frelimo que era necessário agregar (Tajú, 1988: 9).

Para Canhenga³⁰, “a primeira rádio da RENAMO foi a África livre, que estava situada na África do Sul e depois transformou-se em BIPICI, davam todas as músicas e notícias. Naquele período quem fosse encontrado com a rádio levava Chamboco ou era amarrado, porque davam todas as informações, afirmou o colega do Canhega, que preferiu manter-se isento das questões. Prossegue afirmando que, a rádio é hoje conhecida como terra verde, a rádio terra verde estava na África do Sul e escutávamos músicas de Jonh chibadura, haviam músicas de danças tradicionais que passavam na rádio, Khetekete, Varimba e Mutxongoio todas músicas de danças tradicional da base de Sofala”.

Segundo Chiburre³¹, “a rádio chamava-se Voz da RENAMO, com finalidade de contrapor a propaganda da FRELIMO, falar a verdade para a população que estava sobre o controle do governo”.

Monogoro³² descreve que a nível da RENAMO, existia um departamento das canções e cultura que era responsável pela composição das músicas. O departamento tinha a sua

³⁰ Entrevista com Canhenga, antigo guerrilheiro da RENAMO. Maputo, setembro de 2022

³¹ Entrevista com Paulo Chiburre (chefe do gabinete do secretário geral) sede da RENAMO. Maputo, outubro de 2022

³² Entrevista com Comandante do comando reservista e antigo guerrilheiro da RENAMO, Maputo, 30, setembro de 2022

representação em todas as bases mas tinham algumas canções que foram usadas pela FRELIMO.

A estação de rádio da RENAMO começou com as canções muito antes da expansão da RENAMO, partindo do departamento da educação e cultura. Entretanto, a existência da rádio foi logo nos primeiros anos da existência da RENAMO, as músicas saíam da rádio e eram replicadas em todas as bases (Monogoro,2022).

Prossegue afirmando que para além do departamento da educação e cultura tinham o departamento ideológico que era responsável por verificar o conteúdo das canções, os objectivos das canções se ia de acordo com os objectivos da guerra. O departamento ideológico era responsável pela censura, adequação e aprovação das músicas passadas na rádio. “Nós compúnhamos as músicas e depois o departamento de educação fazia a adequação e aprovação para ver se ia de acordo com os objectivos de luta movida pela RENAMO”.

No que tange ao papel das canções, Monogoro argumenta as canções motivavam os guerrilheiros e a população. Através das canções, as pessoas passaram a saber que a RENAMO pretendia libertar o país do regime comunista. Afirma que “foi importante para que as pessoas soubessem que RENAMO não eram bandidos como se dizia”.

A partir destes depoimentos percebe-se que a estação radiofónica da RENAMO, uma iniciativa de dissidentes da FRELIMO e dos agentes externos da Rodésia e da África do Sul, procurou emitir propagandas anti-Frelimo e contrapor as políticas do governo. No entanto, a RENAMO recorreu as músicas da sua estação de rádio clandestina e censurada para prosseguir com sua agenda política e expressar os seus objetivos de guerra.

4. CONCLUSÃO

A presente monografia parte do pressuposto de que a imagem da RENAMO, foi fortemente dominada pelo seu carácter violento. É desta forma, que a presente pesquisa analisou a forma como os insurgentes da RENAMO usaram as músicas tacadas na sua estação de rádio clandestina, mas censurada para o público em geral assim como as canções entoadas nos campos militares, para prosseguir com a sua agenda política. A presente abordagem considerou que a música e a canção desempenharam um papel importante na mobilização política e militar da RENAMO, através da música a RENAMO contrariava a propaganda musical do governo que a retratava como malfeitora. Através da música a RENAMO criou espaço de entretenimento, diversão, socialização, lazer, amor e até mesmo construção de família.

Ao longo do trabalho foi possível identificar a música, o canto e a dança como uma das principais expressões culturais em vigor nas bases e zonas de influência da RENAMO. Considerando que a música tem um papel preponderante na sociedade, através da música as pessoas expressam seus sentimentos, suas vivências e experiência. Entretanto, a pesquisa buscou documentar o acervo das músicas e das canções entoadas nas bases e nas zonas sob a influência da RENAMO.

Ao descrever o ambiente cultural nas bases e nas zonas de influência da RENAMO durante a guerra dos dezesseis, foi possível constatar que em zona de guerra surgia uma complexa dinâmica cultural e social. Na qual, os guerrilheiros e a população encontraram espaço para socialização através da música e da dança. Uma das actividades culturais mais realizadas pelos militares do Destacamento Feminino, eram as canções revolucionárias, educativas, as danças tradicionais como Tufo, Makwaela, Marimba e Mutxongoyo, Khandi. No entanto, nas bases políticas das zonas libertadas, desenvolviam- as actividades culturais recreativas de futebol entre civis e militares.

No que tange, a estação radiofónica da RENAMO a Voz África Livre, desempenhou um papel importante na mobilização política e militar da RENAMO. Por meio da rádio, o movimento denunciava, contrapunha e repudiava as políticas Marxista-Leninista do governo da FRELIMO. Entretanto, a propaganda veiculada pela Voz da África Livre, foi no início excessivamente colonialista procurou emitir propagandas anti-frelimo e contrapor as políticas do governo. Todavia, a RENAMO recorreu as músicas da sua estação de rádio clandestina e censurada para difundir a sua agenda política e expressar os seus objetivos de guerra.

Conclui-se que paralelamente à mobilização governamental de músicos contra insurgência da RENAMO, este movimento rebelde também recorreu à música e a canção, para avançar a sua agenda política e militar. Nesse processo, contribuiu para um determinado género musical que passou a ser associada a área sob a sua influência política e militar.

Referências bibliográficas

Artigos científicos e revistas

Barrios Diaz, José Alejandro Sebastian. “As relações internacionais da construção do Estado em Moçambique: pós –independência, guerra civil e transições políticas.” *Carta Internacional, Belo Horizonte*, v. 17, 2022.

Cahen, Michel. *RENAMO: De agente do apartheid a organização política externa moçambicana*. Bahia: Afro-Ásia, 2020.

Cahen, Michel. *A RENAMO, um assunto para historiadores e cientistas sociais*. Madrid: Colóquio IESE, 2017.

Cahen, Michel. *Les Bandits. Un historien au Mozambique, 1994*. Paris: Publication du Centre Cultural Colouste Gulbenkian, 2002.

Candido, Luís Eduardo; Pedrosa, Frederico Gonçalves. *A canção em Musicoterapia:Apontamentos sobre seus aspectos e usos*, 2018.

Coelho, João Paulo Borges. *Abrir a fabula: Questões da política do passado em Moçambique* In: Revista Critica de Ciências Sociais, 106 | 2015,153-166.

Coelho, João Paulo Borges. “A ‘literatura Quantitativa’ e a Interpretação do Conflito Armado em Moçambique (1976-1992) ” In: RODRIGUES, Cristina Udelsmann. COSTA, Ana Bénard. *Pobreza e Paz nos PALOP*. Lisboa: Sextante Editora, 2009. p.141-168.

Chumane, Ângelo. *As músicas tradicionais Moçambicanas como fonte de construção das identidades socioculturais*. São Luís: Kwanissa, 2021.

Cilfton, Thomas. *Music as Heard*. New Heaven: Yale University Press, 1983.

Carlos, Nolasco “*Insurgência*”. *Dicionário Alice*. 2019.

Darch, Colin. *Uma história de sucesso que correu mal? O conflito e o Processo de paz numa perspectiva histórica*. Friedrich –Ebert-Stifung, 2018.

Darch, Colin. *Are There Warlords in Provincial Mozambique? Questions of the Social Base of MNR Banditry*. *Review of African Political Economy*. No 45\46 (1989), p.34.

Bento, c. m. et al. *Amor Febril*. 1ed. Porto Alegre: Timm & Timm, 1990. p. 2-47

Fonseca e Costa, J. (1981). “*Música, Moçambique!*”. *1º festival nacional da canção e música tradicional*. (Catalogo).

Fernando, Celestino Taperero. *O outro lado da história de Moçambique: Surgimento da RENAMO entre (1976 e 1992) como alternativa para construção da democracia multipartidária e identidade moçambicana*. Brasil: UFGD, 2021.

Fernando, Celestino Taperero. *As três (3) transformações históricas e políticas da RENAMO e a causa interna da Guerra Civil*. Porto Alegre, v. 13.p. 1-11. 2020

Guepatos, Vladimir Cistac. *Moçambique terra queimada: A RÁDIO ÁFRICA LIVRE*. A originalidade conservada, 2015.

Manhiça, Anésio et al. *Expressões Alternativas das vozes dos cidadãos: Música e comentário social em Moçambique*. Maputo, 2018.

Mubai, Marlino; Manhanguale Mauro. *A Representação da Mulher nas composições Musicais de fany Mpfumo*. Moçambique In: Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Série: Letras e Ciências Sociais. Vol. 3, No 2, pp 70-84, 2022.

OLIVEIRA, Àquilas Torres; SANTA, Alexandre Luís de. *Música Militar: Definição, História e Importância*. In: Revista Agulhas Negras, Vol. 6. N ° 7, P.91-106, 2016.

Pereira, Viviane Santos. *Metodologia Qualitativa: é possível adequar as técnicas de colecta de dados aos contextos vividos em campo?* Porto alegre, 2009.

TAJÚ, Gulamo. *RENAMO: Os factores que conhecemos*. Maputo: Centro de Estudos Africano UEM, 1988.

Temudo, Marina Padrão. « *Campos de batalha da cidadania no Norte de Moçambique*». Cadernos de Estudos Africanos, 2005.

Livros

Adam, Y. *Escapar aos dentes do crocodilo e cair na boca do Leopardo: trajectória de Mocambique pos-colonial, 1975-1990*. Maputo: Promédia, 2006.

Cline, Sibila. *RENAMO: Em Defesa da Democracia em Moçambique*. Washington DC, 1989.

Geffray, Christian. *A Causa das Armas: Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique*. Porto: Edições Afrontamento, 1991

Lopes, Armando Jorge; Siteo, Salvador Júlio; Nhamuenden José Paulino. *Moçambicanismos: Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano*. Maputo: Livraria Universitária, UEM 2002.

Minter, William. *Os CONTRAS DO APARTHEID: As raízes da guerra em Angola e Moçambique*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998

Mourier-Genoud, Eric; Cahen, Michel; Domingos M. Rosário (orgs). *The War Within: New perspectives on the civil war in Mozambique, 1976-1992*. Suffolk: James Curry; Nova York: Boydell & Brewer, 2018.

VINES, Alex. *RENAMO: Terrorism in Mozambique*. London: Indiana University Press, 1991.

Artigos de jornais

Florêncio, Fernando. “*Christian Geffray e a Antropologia da Guerra: Ainda a Proposito de La Cause des Armes au Mozambique*” *Etnográfica*, 4,2 (2002):347-364

Huffman, Robert T. “*Colonialismo, Socialismo e Desestabilização em Moçambique*”. *Africa Today*, 39, 1\2, Angola e Moçambique (1992):9-27.

Igreja, Victor. *Traditional Courts and the struggle State Impunity for Civil Wartime offences In Mozambique*. *Journal of African Law*, 54, 1 (2010), 51-73 School of Oriental and African Studies, 2010.

Machava, Benedito Luís. *State Discourse on Internal Security and the Politics of Punishment in Post-Independence Mozambique (1975-1983)*. *Journal of Southern African Studies*. 2011, 37:3, 593-609.

Mubai, Marlino Eugénio. *PEOPLE'S WAR: Military Supplies During The Mozambican Civil War, 1976-1992*. In: *Southern Journal for Contemporary History*: Vol. 45 No. 2 (2020).

Roesh, Otto. “*A RENAMO e o Camponês no Sul de Moçambique: Uma visão da Província de Gaza*”. *Jornal Canadense de Estudos Africanos*, 26, no. 3 (1992): 462-484.

Schafer, J. *Guerrilha e Violência na Guerra em Moçambique: Desestabilização ou Ressocialização?* In: *Assuntos Africanos* 2001.

Resenha

Paredes, Menezes sobre Michel, Cahen “*Não somos bandidos*” *A vida diária de uma guerrilha de direita; A Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985)*. Resenha publicado H-Luso África, 2020.

Dissertações e Monografias

Balduino, Luís Felipe Martins; Vasconcelos. *Como o Cantor Percebe o Canto: Emissor Que Virou Mídia*: Centro Universitário de Brasília, 2008. (Bacharelado, em comunicação com habilidades em Publicidade e Propaganda).

Cardoso, Inês Mendes Batalha Cabral. *O Papel de um Empreendimento Privado Agrícola no Reassentamento de população Deslocada de Guerra: O Caso de Chibonzane em Moçambique*: Universidade de técnica de Lisboa, 2009.170p. (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento e Cooperação Internacional).

FLORES, Martina Keiber. *A música como instrumento político na Primeira Guerra e Segunda Mundial*: Universidade Ritter dos Reis, 2016. 80p. (Licenciatura, em Relações Internacionais).

FREITAS, Rodrigues de. *Influência da música militar no exército Brasileiro durante a guerra do Paraguai*: Academia Militar das agulhas negras (AMAN, RJ), 2022. (Bacharelado, em Ciências Militares).

Passos, Lázaro André de Oliveira. *Uma análise dos efeitos da Política do Apartheid na actual África do Sul*. Centro Universitário de Brasília, 2004. 60p. (Bacharelado, em relações internacionais).

PEREIRA, Vera Lúcia Silva. “*Caras, mas boas* ”-*Música e poder Simbólico a partir da análise da Banda da Armada Portuguesa*: Universidade de Aveiro, 2008.165p (Dissertação, Mestrado em Música).

Teses

Ferreira, Juliana dos Santos. *Conceptualização do Termo “Bandido” no Rio de Janeiro: um estudo de língua em uso*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2016.145p (Tese de doutorado).

GUJAMO, Rufino Carlos. *A transição Democrática e a Manutenção da Paz em Moçambique entre 1992-2004*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016. (Tese apresentada para a obtenção do grau de doutoramento em História).

Mubai, Marlino Eugénio. *Making War on Village and Forest: Southern Mozambique during the sixteen-year conflict 1976-1992*, PDH Thesis in History (Iowa City: University of Iowa, 2015).

Relatório governamental

Gerson, Roberto. “ *Resumo dos Relatos de Refugiados Moçambicanos Principalmente em Conflitos Experiência Relacionada em Moçambique*”. Departamento de Estados Unidos, 1988.

Entrevistas

Baltazar, (antigo guerrilheiro da RENAMO, policia da UPAI). Entrevista pessoal, Maputo-Sommerschild residência presidencial do Issufo Momade Setembro de 2022.

Canhenga, Alberto Jaulino, (antigo guerrilheiro da RENAMO, policia UPAI). Entrevista pessoal, Maputo-Sommerschild residência presidencial do Afonso Dhlakama, 2022 de Setembro de 2022.

Chiburre, Paulo Ernesto, (antigo guerrilheiro da RENAMO, chefe do Gabinete do secretário geral). Entrevista pessoal, Maputo-Sede da RENAMO, Outubro de 2022.

Chimanguiso, Manuel Simão, (antigo guerrilheiro da RENAMO). Entrevista pessoal, Maputo-Inhagoia B, Setembro de 2022.

Felizberto, Ricardo. (antigo guerrilheiro da RENAMO), Entrevista pessoal, Maputo-Bairro do Jardim Setembro de 2022.

Jorge, João, (guarda da residencial do presidente Issufo Momed). Entrevista pessoal, Maputo-Sommerschild, 22 de Setembro de 2022.

Joaquim, Assucena Alberto Niquice. (antiga guerrilheira da RENAMO, DF), Entrevista pessoal, Maputo-Sede da RENAMO, 23 de Janeiro de 2024.

Monogoro, David Roai, (antigo guerrilheiro da RENAMO, Comandante do comando reservista). Entrevista pessoal, Maputo- Comando Reservista, 30 de Setembro de 2022.

Ndoa (antigo guerrilheiro da RENAMO), Entrevista pessoal, Maputo-Bairro do Jardim 2022 Setembro de 2022.

ANEXOS

ANEXOS I

Guião das entrevistas

1. Fale-me da vida cultural nas bases e nos territórios sob influência da RENAMO durante a guerra dos 16 anos;

1.1. Que tipo de canções se entoavam nestes lugares?

1.2. Qual era o conteúdo dessas canções? Lembra-se de uma que pode partilhar?

1.3. Quem compunha?

2. Que tipo mensagem essas pretendiam transmitir com essas canções?

3. A RENAMO tinha uma estação radiofónica. Que tipo de músicas passavam nessa estação? Como é que obtinham essas músicas?

4. Será que teve algum papel

5. O que simbolizava os ritmos das canções? Rebeldia? Socialização? Confraternização? Consolação?

6. Qual era o lugar da mulher nos eventos sociais? Será que cantavam e dançavam com os homens.

Anexo II

As canções/música das bases da RENAMO

1. Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo

Dine ndokadzida ku fira povo... Kana dafa ni hondo

Há ma hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo

Dine ndokadzida Ku fira povo Kana dafa ni hondo 2X

Que significa: (Mãe e Papa não chorem por mim, eu é que escolhi estar aqui morrer pelo povo).

2. Baba na wuya ni khandi 2X

Ti tambire Nwanago

Baba na wuya na Khandi, ti tambire Nwanago

Cujo o significado é (papa eu trouxe uma bagagem e o pai responde, vamos te receber meu filho, traz meu filho, vou te receber).

3. Kure-Kure hama hina

Kure-Kure kwena Khava

Kure-Kure Nwanago Kwendi nohenda

Kure-Kure Kwendi nohenda

Que significa, (longe, longe da minha mãe, longe de quem eu conheci, onde eu vou saí é longe e onde eu vou é longe).

4. Haphana Xinavuya djoka 2X

Na vuya haphana xinavuya djoka 2X

Haphana 2X, que significa (não há coisa que vem sozinho, não há coisa que vêm sem preocupação). Eram canções compostas por militares, com mensagem de sofrimento, com ritmos que simbolizavam consolação.

5. Kokoliko (cantar do galo) - djonguè beleka Nwana tende tchawuya-tchawuya

Beleka Nwana tiende tchawuya-tchawuya.2X

Que diz, quando o galo canta já chegou a vez de carregar o seu bebê (sua arma), o primeiro tiro quer dizer o galo cantou Tchawuya-tchawuya –é um juramento, como quem diz venha o que vier nós estamos aqui, seja chuva ou sol

6. Samora tienda tione magariroo

Tigarikahoo tione magariroo

Tukatikwenda tione magariroo tigarikahoo tione magariroo

Comunistaskwenda tione magariroo

Tigarikahoo tione magariroo 2X

Contrariando a ideia de falta de ideologia política por parte da RENAMO, Baltazar, afirma que a canção também expressava repúdio à política marxista-leninista, para que a vida voltasse ao normal.

7. Victória 2X vitó vitó2X Victória entre o povo moçambicano

Custará sangue e sofrimento

Samora tanto tempo nada conseguiu e veio o Mabote³³ que chorou 2X, juntamente com Guebuza³⁴ serão esmagados a força do povo sempre vencerá!

Samora tanto tempo nada conseguiu e veio o Mabote que chorou 2X, juntamente com Guebuza serão esmagados a força do povo sempre vencerá! Cantaremos 2X a vitória do

³³ Sebastião Marcos Mabote, foi combatente da luta de libertação nacional, ingressou na FRELIMO em 1963, onde ocupou várias funções de relevo.

³⁴ Armando Emílio Guebuza, foi presidente de Moçambique entre 2005-2015, juntou-se a FRELIMO em 1963 No governo de transição (1974-1975), Guebuza ocupou a pasta da administração interna e no primeiro governo de Moçambique independente a pasta do Ministro do interior.

povo sempre será o povo criado pela resistência liquidar o comunismo cantaremos 2X a vitória do povo criado pela resistência liquidar o comunismo (Repetição) Uma das canções

A canção partilhada por Assucena em língua Ndau³⁵

8. *Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo*

Dine ndokadzida ku fira povo manuchetè niwawe 2X

Hama hina baba muchandichema Kana dafa ni hondo

Dine ndokadzida Ku fira povo manuchetè niwawe 2X

Que significa (minha mãe não chora, eu è que quis ir para o mato para defender o povo se eu não voltar è a guerra).

Assucena revela que a canção *Hama hina baba*, era a canção preferida do falecido Dhlakama, principalmente quando estivessem parada, dizia ela, *ele gostava muito*.

9. *Tisu tire Nwana wa RENAMO tino fanera Kureremedza*

Tisu tire Nwana wa RENAMO tino fanera Kureremedza

Kureremedza we we we 3X

Tino fanera Kureremedza

Essa canção significa (nós somos filhos da RENAMO tem que haver respeito, têm que nos respeitar).

9.1. A outra versão da canção acima mencionada, foi partilhada para exaltar o falecido presidente da RENAMO Afonso Dhlakama, onde se segue abaixo:

Tisu tire Nwana wa Dhlakama tino fanera Kureremedza

Tisu tire Nwana wa Dhalkama tino fanera Kureremedza

Kureremedza we we we 3X

³⁵ Nota interessante nesta canção que é a mesma que foi partilhada pelo Alberto Canhenga, porém apresentada numa versão diferente pela Assucena mas com o mesmo significado.

Tino fanera Kureremedza

Cujo o significado é (somos filhos da Dhlakama tem que haver respeito, têm que nos respeitar)